

100 ANOS DE SUBMARINOS EM PORTUGAL



Assim, em 1913, Portugal recebeu o seu primeiro submersível, passando a ser um dos poucos países do mundo a potenciar as vantagens desta arma. É de realçar esta aposta, do então Ministro da Marinha, numa época onde os submersíveis eram vistos como uma arma pouco nobre e onde o seu estágio de desenvolvimento era rudimentar.

Com o decorrer da Primeira Grande Guerra ressaltou o valor militar desta nova arma e, em 1915, o Governo Português encomendava ao mesmo estaleiro mais três submersíveis: os "FOCA", "GOLFINHO" e "HIDRA", que tal como o "ESPADARTE" seriam concebidos pelo famoso engenheiro Laurenti.

Estes quatro submersíveis viriam a constituir a primeira Esquadilha a qual teve prolongada vida operacional de que se destacam as patrulhas de proteção das barras do porto de Lisboa durante o primeiro conflito mundial, garantindo uma componente dissuasora.



Em princípios de 1927 o envelhecimento do "ESPADARTE" começou a causar preocupações que viriam a culminar com o seu desarmamento em 31 de Maio de 1928, seguindo-se os restantes submersíveis, tendo o "HIDRA" sido abatido ao efetivo da Armada em 1935.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS SUBMARINOS "TRIDENTE"

Dimensões		
Comprimento:	68 Metros	
Diâmetro do casco resistente:	6.3 Metros	
Calado médio:	6.6 Metros	
Deslocamento em imersão:	2020 Ton	
Desempenho		
Profundidade máxima:	+300 Metros	
Velocidade máxima em imersão:	+20 Kts	
Autonomia:	12.000 NM	
Armamento		
Torpedos:	Blackshark	
Misséis:	Sub-Harpoon	
Minas:	Murena	
Guarnição		
Oficiais:	07	
Sargentos:	13	
Praças:	13	
Total:	33 militares	



CONTACTOS

Serviço de Informação e Relações Públicas

www.marinha.pt
Email: marinha.rp@marinha.pt
Tel.: 210 925 200 Fax: 210 925 201

Esquadilha de Submarinos

es.submarinos@marinha.pt
Tel.: 210 984 633 Fax: 21 193 8525



100 ANOS DE SUBMARINOS EM PORTUGAL



2ª ESQUADRILHA

Entretanto três novos submersíveis tinham sido encomendados ao estaleiro inglês Vickers, em Barrow-in-Furness, Reino Unido, visando a substituição da 1ª Esquadilha.

Sendo os contratos de construção assinados a 9 de Março de 1933, o "DELFIN" foi entregue em 1 de Dezembro de 1934, o novo "ESPADARTE" em 9 de Janeiro de 1935 e o novo "GOLFINHO" em 20 de Fevereiro do mesmo ano.

Esta segunda esquadilha viria a desenvolver a sua intensa atividade até finais de 1950, na qual se realça a participação em todas as manobras e exercícios da nossa Marinha, nas águas do continente, Açores e Madeira, a viagem de estudo e soberania realizada pelo "GOLFINHO" à Guiné em 1939 e a visita do "GOLFINHO" e do "DELFIN" a Sevilha nas vésperas de eclodir a II Grande Guerra.



Durante este período conturbado da História Mundial garantiram também o treino e a experimentação de novas táticas anti-submarinas às nossas unidades navais de superfície.

Esta segunda esquadilha viria a desenvolver a sua intensa atividade até finais de 1950, na qual se realça a participação em todas as manobras e exercícios da nossa Marinha, nas águas do continente, Açores e Madeira, a viagem de estudo e soberania realizada pelo "GOLFINHO" à Guiné em 1939 e a visita do "GOLFINHO" e do "DELFIN" a Sevilha nas vésperas de eclodir a II Grande Guerra.

Durante este período conturbado da História Mundial garantiram também o treino e a experimentação de novas táticas anti-submarinas às nossas unidades navais de superfície.





A cedência de três novos submersíveis com apenas três anos e meio de serviço: o "SPUR", "SAGA" e o "SPEARHEAD", rebatizados como "NARVAL", "NEPTUNO" e "NAUTILO" entraram ao serviço da Marinha Guerra Portuguesa em 1948 e passaram a constituir a 3ª Esquadilha.



Tal como as anteriores Esquadilhas, estes submersíveis tiveram como missão principal o garante da soberania do espaço marítimo nacional tendo garantido, no pós-guerra, a afirmação do nosso estatuto marítimo e reforçado a unidade do espaço interterritorial, num momento crucial de reorganização do tecido internacional. Contribuíram para a valorização do papel internacional de Portugal após a adesão à NATO como país fundador, tendo integrado pela primeira vez forças da NATO no início de 1951.



A história repete-se e perpetua-se e assim com a chegada da década de sessenta verifica-se a obsolescência tecnológica destes submersíveis o que resulta numa inferior capacidade operacional, obrigando à sua substituição. O abate ao efetivo da Armada ocorre entre 1967 e 1969, altura em que é abatido o "NARVAL".



Encomendados em 1964, aos estaleiros franceses de Dubigeon, Normandie Nante, os quatro submarinos da classe "DAPHNÉ" vieram constituir a 4ª Esquadilha de Submarinos. Esta esquadilha traz consigo uma das maiores mudanças tecnológicas, pois pela introdução do mastro snort permitiu a transformação de submersível para submarino.

A sua entrega à Armada viria a processar-se pela seguinte ordem: o "ALBACORA" em 1 de Outubro de 1967, o "BARRACUDA" em 4 de Maio de 1968, o "CACHALOTE" em 25 de Janeiro de 1969 e o "DELFIN" em 1 de Outubro do



mesmo ano. Contudo em 1975 o "CACHALOTE" viria a ser abatido ao efetivo da Armada e vendido à França que, posteriormente, o cederia ao Paquistão, ficando a 4ª Esquadilha de Submarinos reduzida a três unidades navais.

A 4ª Esquadilha serviu numa primeira fase para garantir por dissuasão, que a guerra nas ex-colónias não transbordasse para o palco marítimo, por via de intervenções navais dos países Africanos, mesmo que inspidas, contra as linhas de reabastecimento Portuguesas por via marítima àqueles territórios, mantendo por isso a supremacia militar neste campo face aos opositores declarados da época.

Com o fim da Guerra de África foram envolvidos de forma ativa no seguimento de navios e submarinos da ex-União Soviética, em operações da NATO, quer no nosso espaço marítimo interterritorial, quer no Mediterrâneo e entrada do Estreito de Gibraltar, quer no Mar do Norte. Posteriormente, já após a queda do muro de Berlim, foram usados no embargo militar à ex-República da Jugoslávia e realizaram importantes missões de combate à proliferação de atividades ilícitas transnacionais ligadas ao tráfico de droga, terrorismo e imigração ilegal na costa de Portugal.



O processo de renovação da quarta Esquadilha de Submarinos iniciou-se em 1995, e a necessidade de manter a capacidade submarina, enquanto fator crucial para a defesa Nacional, integrada na grande estratégia político-militar e diplomática do país, foi confirmada por todos os governos constitucionais e pela Assembleia da República.

Depois de um longo processo de nove anos, em 21 de Abril de 2004 o contrato para a construção dos novos submarinos foi finalmente aprovado

pelo então Ministro da Defesa Nacional, Dr. Paulo Portas tendo sido atribuído a sua construção ao German Submarine Consortium.

A construção dos submarinos iniciou-se em 2005, e após uma fase de formação das guarnições, instrutores e pessoal da manutenção com uma duração aproximada de três anos, o "TRIDENTE" foi entregue à Marinha Portuguesa em 17 de Junho e o "ARPAÃO" em 22 de Dezembro de 2010.

Pela primeira vez em Portugal, estas unidades navais foram equipadas com um sistema híbrido para produção de energia elétrica que é constituído pelos habituais grupos eletrogéneos alimentados a Diesel e por duas células de combustível alimentadas a Hidrogénio e Oxigénio, o que permite aumentar significativamente a sua discrição e a autonomia. Estes submarinos embora tenham entrado recentemente ao efetivo da Armada, têm participado em diversas operações de vigilância do espaço marítimo sob soberania e jurisdição nacional e na operação "Active Endeavour", única ao abrigo do artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, centrada na campanha internacional de combate contra o terrorismo.

Igualmente integraram uma força naval permanente da NATO em diversos exercícios internacionais, onde ficou patente as excelentes capacidades destas unidades navais.

Em 2012 foi realizada a primeira travessia do Oceano Atlântico que permitiu efetuar a certificação dos sistemas de armas para o lançamento de mísseis Sub-Harpoon.

